

Порт/п  
D 767

DRATCH



ASAS



IVÁN DRATCH

ASAS

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS  
RIO DE JANEIRO  
1993

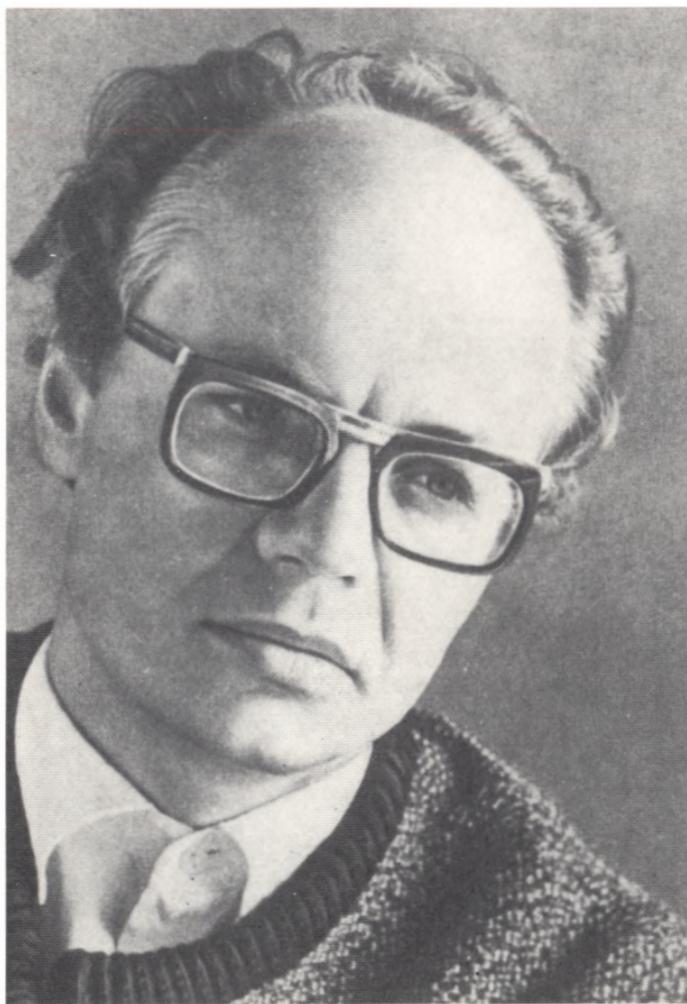
**Prefácio e tradução do Ucrâniano: Wira Selanski**  
**Revisão: Celso Nathan Guaraná de Barros**

**Série PYSSANKA:**

- 1. Vassyl Gholoborodhko: DIA VERDE (1991)**
- 2. Iván Dratch: ASAS (1993)**

**CAPA: WW**

**© Iván Dratch**  
**Wira Selanski**



Iván Dratch (1967)



## IVÁN DRATCH: ASAS AO VENTO

Quando em 1965 apareceu o primeiro volume de Iván Dratch, **PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO**, a comunidade intelectual da Ucrânia entrou em clima de festa: o modesto livrinho rompia com as rígidas imposições temáticas e formais, ditadas pelo governo soviético.

Além de poucos versos, os quais, como o próprio escritor ironicamente confessou a esta tradutora, “serviam de gravata para ter permissão de aparecer diante do público”, nada mais o ligava aos seguidores do “realismo social”. Embora Dratch continuasse visando o homem comum, o homem do seu ambiente cotidiano, — disso dão prova os seus volumes subseqüentes, particularmente **BALADAS COTIDIANAS** e **POESIAS**, publicados em 1967, — o tratamento artesanal é inteiramente individual; o prisma poético, original e imaginativo, não usa chavões cansativos; nada do bombástico heroísmo nem do patriotismo postiço que caracterizam a poesia ucraniana-soviética dos anos anteriores.

O poeta trouxe ainda outras novidades: recorrendo ao folclore nacional, que, como na época dos tzares, em pleno século XX, foi resumido só às formas “menos nobres”, tais como o canto e a dança populares, revira seu abandonado tesouro léxico em busca de palavras raras e esquecidas, criando um verso novo, trocando por vezes as estruturas fixas pela fala espontânea, mas enriquecida de assonâncias síncopes, *ritardandos*, rimas em grupo, aliteraões, séries inteiras de diminutivos e aumentativos (**BABUCÊNCIA**, em **BALADAS COTIDIANAS**), sobre a tela de sua vasta cultura universal, das ciências às matérias humanísticas.

Ao sentimentalismo piegas e moralizante, Dratch antepõe um erotismo saudável com percepção psicológica fina, um

humor inventivo, uma candura de sentimentos nobres em relação à sua pátria e ao planeta Terra, evidenciando assim sua sincera preocupação com a Natureza e com os valores da alma, ameaçados por pseudociência despida de senso de responsabilidade e por ávidas ambições de sistemas políticos. Seu recente livro *A CATEDRAL DO SOL*, de 1988, está marcado pela tragédia de Tchernóbyl.

Além de tudo, Dratch propõe, desde sua primeira publicação, uma revisão histórico-cultural da Ucrânia. Declarando-se filho do vuburno (*BALADA VIBÚRNEA*), planta-símbolo da própria Ucrânia, recusa o modernismo do *homo sovieticus*, sem raízes e consciência nacional e qualquer sentimento telúrico (*VIBURNO*). Com sua palavra autônoma e “não abençoada” pelo governo, o poeta assusta a platéia (*PALAVRA*). Ele revive o trágico passado nacional em Berestetchko (*PELO SÉQUITO DE TÍLIAS*); ele dá vida nova à figura heróica do bandoleiro popular Karmalúk, que assaltava os ricos invasores para distribuir entre os pobres; ele inventa a lenda sobre o cachimbo do *ghethman* Pidkova, glorificando a comunidade cossaca (*BALADA SOBRE O CACHIMBO*); ele reabilita o poeta-sacerdote galiciano Markián Chachkevych (1811-1843) (*PARECE QUE VEJO O COSMONAUTA*, em *PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO*) — tudo isso em tempo de severa perseguição religiosa e nacional que condenava patriotas ucranianos a muitos anos de prisão e desterro por “delitos” tais como uma carta de protesto ao então Ministro da Educação contra a russificação de jardins de infância ucranianos.

Por natureza observador e de poucas palavras, Dratch revelou-se nos últimos anos, como deputado, um orador brilhante e um lutador em busca da conscientização cultural ucraniana, dentro do grupo RUKH que tanto batalhou pela independência do país. Atualmente é diretor da Sociedade Ukraina, que mantém contatos culturais com o exterior.

Iván Dratch é, sobretudo, poeta. Equilibrando os elementos sensoriais e intelectuais, o lirismo sensível e o ímpeto sempre juvenil, sua arte requintada e espontânea oferece uma festa cativante de espírito e de gozo estético aos leitores.

## PALAVRA

O violoncelo se extinguiu. E logo  
O contrabaixo veio a falecer.  
Só o violino bebe o puro fogo  
Em êxtases amargos de morrer.

Talento meu: em arco teu agreste  
Escorre sobre as cordas pelo ar,  
Onde no colo do violino cresce  
Palavra, em sofrimento a madurar.

O violino grávido dá vida —  
Um choque negro-frio aos demais,  
Quando a palavra livre e indevida  
Levanta-se das fraldas orquestrais.

Aceita-a. Não largues para a fama:  
Que venham espartânicas lições!  
Que seja grande como auriflama,  
Suspensa como cachos de trovões!

E no ímpeto do vôo desatino  
Com toda a vida saiba sempre apor:  
Palavra vem do amargo violino,  
Das suas agonias, sua dor.

PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

## BALADA VIBÚRNEA

Não sei, muitas vezes. Ignoro onde a vida  
São vagas douradas, ou rubro-angustiadas.  
Não sei a medida da força escondida,  
De que são capazes selvagens meus brados.

Ignoro, arrastando-me sobre os joelhos  
Diante do certo (mas quem o revela?)  
E forjo os arreios do baio que selo,  
E beijo, partindo, os lábios da estrela.

Passadas afrontas, nos anos do agouro,  
Teimosos delitos ignotos — ao forno!  
Não sei onde brilham meus passos com fogo,  
Com quais, do Danúbio, lembranças retorno?(\*)

Mas sei: embalaram-me mãos do viburno,  
Na terra vibúrnea, com meigo jeito,  
E o sangue vibúrneo — o canto profundo —  
Com gotas amargas braseia no peito.

## PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

(\*) Os cossacos procuravam refúgio das perseguições políticas no além do Danúbio.

## VIBURNO

Eu bebo a seiva acre dos gelados bagos,  
Eu bebo a brasa do outonal prazer,  
Eu bebo a sussurrante folharada,  
Eu bebo a sede outonal, dourada.  
Fogosa nata, eu bebo sôfrego,  
Eu bebo o amargor da boca amada,  
Eu bebo a maternal poção selvagem.  
Minha tristeza estala.

Meu paladar se adoça.

Eu corro junto dela no ímpeto dos anos.

A minha mão

ardente tremeluz

E toca os seios

frios e fogosos.

A sua destra bate-me no peito

E afasta o corpo esguio com orgulho —

Aristocrata de raiz rachada —

Pois os meus pés, calçados pela moda,

Não sabem encontrar os próprios marcos.

## PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

## BALADA SOBRE O GIRASSOL

O girassol tinha pernas e braços,  
Tinha um corpo verde e áspero,  
Apostava corridas com o vento,  
Trepava na pereira,  
Guardava peras nos bolsos,  
Tomava banho junto do moinho,  
Deitava-se na areia,  
Atirava nos pardais de atiradeira,  
Pulava numa perna  
Para tirar a água do ouvido,  
E de repente enxergou o sol,  
Um belo sol moreno  
Com cascatas dos cachos dourados,  
De blusão vermelho,  
Andando de bicicleta,  
Evitando as nuvens do céu...  
Ficou imóvel anos e séculos  
Num mudo espanto dourado:  
— Tio, deixa-me dar uma volta,  
Ou pelo menos, leva-me no quadro,  
Tio, tem pena de mim!

Poesia, meu sol alaranjado!  
A cada instante um garoto qualquer  
Vai descobrir-te de novo,  
Tornando-se girassol para sempre.

POESIAS

## ASAS

Pelo mar, no além, mar,  
O Ano Bom a carregar  
Para os homens boa sorte e azar.  
(Para um — o gorro de gato,  
Para outro — o cachimbo barato.  
Para um — anéis e colares,  
Para outro — foguetes solares.  
Para um — sal e pimenta,  
Para outro — três feixes de vento.  
Para um — o coração em brasas  
E para o compadre Cirilo — asas).

Era um dia qualquer, mas eis que o que se deu:  
Debaixo dos seus ombros, cortantes como a faca,  
Asas azul-marinho se ergueram para o céu,  
Furando o forro da velha casaca.

Famintas das alturas e fortes se esticaram,  
O tremular celeste engoliram.  
Mágoas o rosto do homem sulcaram,  
Sombras sua alma invadiram.  
(Para um — o rubro destino,  
Para outro — o sol na neblina.  
Para um — seios, flor de viburno,  
Para outro — a morte noturna.  
Raios partam tudo aquilo!  
Deus me perdoe! — e asas para Cirilo.)

A mulher se lamentava:  
— À gente que não é louca

A sorte lhe passa manteiga na boca:  
Para um — contra frio, botas,  
Para outro — contra tosse, gotas,  
Para um — na manjedoura, o bagaço,  
E para este (com licença da palavra) palhaço —  
asas?! —

Cirilo coçou-se e matutou:  
Para obter liberdade  
Seu machado ao rebolo afiou:  
Cortou as asas sem piedade.  
Foi tristonho dos mochos o canto,  
Mas estrelas do homem zombavam,  
Pois à noite, a camisa furando,  
Suas asas se renovavam.  
Cirilo vivia com seu machado,  
Com asas ficou matreiro:  
Cobriu de asas o seu telhado,  
Cercou o seu sítio inteiro.  
Só que as roubaram poetas,  
Para que sua musa fosse alada,  
E a elas rezavam estetas,  
Sonhando com céus, as asas cortadas.  
(Para um — o portão de defesa,  
Para outro — a sem-vergonheza,  
Para um — o sol na algibeira,  
Para outro — uma figa de feira,  
Mas para Cirilo: — que desgraça!  
Assim o sujeito nasce sem sorte:  
asas!)

PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

## BALADA DE TRÊS CINTOS

A noite se apaga no meu braço.  
A melodia em modo menor fria recende.  
Rodopia a carta amassada no esquecimento,  
Contorcida pelo fogo em baioneta.

Três nuvens em túnicas negras  
A lua em amoras guiam.  
Três estrelas cinzentas em foguetes azuis  
Trazem meu destino, meu destino trazem...

Três cintos sangrentos o destino me entrega.  
O cinto do meu povo, incrustado de prata negra,  
O cinto do meu planeta, bordado  
    com agulhas de foguetes,  
    com lã de fumaça,  
    cinzelado com prata de lágrimas,  
O sangrento cinto do meu planeta...

Eu desprezo o destino que me visitou.  
Eu preparo um cinto de sol para meu povo,  
Um cinto de estrelas, para meu planeta.  
Só não desprezo, ó meu destino!,  
O cinto da minha vida,  
Bordado de fios negro-ardentes:  
Eu amo demais as cores de vinho escuro.

PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

## BALADA DE COTOVIAS

I

Saí do ônibus. Cansado até o pescoço,  
Pacífico dormitava o enlameado elefante,  
Acordava ao longe o vento de Kherson, da baixada,  
Poeirento e teimoso queimava os colmos sem cor...

Alguém

(o vento enxugou as órbitas das estradas com lenço)

Algures

(o vento arrancou com raízes o capim da estepe),

Ao longe, na adormecida terra dos tártaros,

Abriu a dupla porta da estrebaria

E lançou sobre nós dezenas de potros selvagens —

Que galopavam, voavam, luziam,

Em salinas de séculos perdiam os corpos fartos,

Selas de seda, ossos cinzento-amarelos.

Os esqueletos queimados cavalgavam ao nosso encontro,

Transformavam-se em capim da estepe,

Até o ônibus-elefante bufava medroso — o vento!...

Criava forças o vento de Kherson, da baixada,

Poeirento e teimoso, queimava os colmos sem cor.

Atirei meu chapéu na cinzenta goela do vento

Para que alguém

(o ventão salgado assobia)

Algures

(o ventão rola alto e baixo)

Ao longe, na adormecida terra dos tártaros,

No espaço de séculos, pelos cascos batidos,

Com ímpeto escancarando a porta da entrada

Se espantasse com a ave aveludada, com fita de seda,

Indagando ao pachá-vento a seu respeito.  
E o vento rolava séculos sobre séculos...  
Esverdeado céu de vendavais secos tornou-se verde.  
O sol no céu era a vela na verde tigela.

Braseava.

Todos os vivos se escondiam. Sumiam. Silenciavam.  
Atrás do escudo da palma de mão cheguei-me ao ônibus,  
E só vivia o céu — animado, ardente, fogoso:  
As cotovias de jalecas cinzentas, dando duro,  
O infinito azul em hectares azuis entre si dividiram,  
E cada cantor, conforme seu gênio abaixo-celeste  
Com gotas do sol enxaguava a garganta de ouro.  
A poeira seca roubava a respiração,  
Cada um dos profetas alados em jaleca cinzenta  
Sofria o martírio cantando... O vento... O vendaval...

II

Morrerei

(o vento enxuga as órbitas das estradas com lenço)

Morrereis

(o vento arranca as raízes da erva da estepe)

Todos hão de morrer, renascendo em capim da estepe.

Não morrerão cotovias, cotovias cinzentas.

Quando criar forças, da baixada o vento salgado,

Queimará almas, como a queimar colmos secos,

E roídos pelo destino nos há de rolar,

Pelo tempo chupados, passados e ressequidos.

Há de impelir-nos como o cinzento capim da estepe,

E algum foguete errante levará susto de nós

Nestas

ventosas

sonoras estepes táuridas,

(Pois quem toca com ossos secos na sua

Janela de anil? — o vento?!)

Todavia, alguém de nós

(através do vento, através do vento!)

Alguém de nós, quem sabe, enxagüe

Com gotas do sol a garganta dourada

E terá um destino diverso — cantante:  
Cedo-cedinho, ao levantar do sol despertando,  
Lavando-se cedo-cedinho com a água do Dnieper.  
Enxugando-se pela última vez, pensativo, de modo terrestre,  
Morrerá, vestindo a cinzenta jaleca de cotovia,  
E voando para seu hectare do céu —  
Através do vento, através do vento...

BALADAS COTIDIANAS

## BALADA SOBRE O PAI

Tonéis de açúcar contra o céu balançam,  
E o leite ferve em lábios do verdor.  
O engenho estica sua mão e lança,  
Esfomeado, apitos ao redor.

Lá o pai caminha de cabeça nua:  
O sol levou-lhe a loira cabeleira,  
E as nuvens miram-se, como na lua,  
No seu redondo e reluzente espelho.

Em suas veias juntam-se navios,  
Esfregam-lhe costelas, qual do porto,  
E com alarmes roucos e bravios  
Expremem-se através de sua aorta.

E a nave leva a refinada carga  
Pelas distantes praias, quando então  
A ioga bebe o chá não mais amargo,  
E sim com o paterno coração.

O velho pelos campos anda reto,  
Parece um mastro no tranqüilo mar,  
Fazendo votos que o salgado vento  
Não venha seu açúcar carregar...

O pássaro de fogo não foi mira  
Da sua vida que não tinha vez,  
Porém a terra grávida respira  
Em duras asas dos descalços pés.

## BALADA SOBRE O TIO GHORDY

Com o crepúsculo parou na soleira,  
E pitada de luz me conduz para a casa,  
Cautelosa, tocando sobranceiras do coração  
Com o chamejar desgrenhado do candeeiro.  
Entro, sento-me ao lado da negra mesa,  
Junto com a consciência e um copo de aguardente,  
Junto com a sombra de Ghorpyna que foi anteontem  
Para o cemitério, às encruzilhadas da lua,  
Ferradas com o ruído de gotas de malaquitas.  
Na trave-mestra, num gancho enferrujado,  
Pelo rolo de bordo, trespassando os pés,  
Pende o místico bode preto.  
Recende o maduro cheiro caprino,  
Recende o alho, doce e duro.  
O couro cai sobre a ondulada galhada.  
O homem batuca as suas costelas com punhos,  
Com negros tufos balança, terrível.  
Sua filha grávida dorme, até Casquistão  
Abrindo os braços cansados, espalha  
As negras tranças e os negros sonhos  
Ao amaldiçoado amante que já meio ano  
Bebe, até o fundo da crença de moça, os lábios alheios.  
O pai, inspirado, esfolha o couro  
Do bode gostoso e fedorento  
E pede para meter um cigarro  
Entre seus lábios queimados e ásperos.  
Sob as unhas — pretas asas de graxa,  
(O trator dorme fora, coberto de chuva e silêncio)  
No coração — roedura e sem-saída  
No desolado arranca-carvalhos,

Pois anteontem sua Ghorpyna se foi  
Para o cemitério, às encruzilhadas da lua,  
Ferradas com ruído de gotas de malaquitas.

Assim vais à verdade, à essência da vida,  
Trançado em quilômetros de filosofias  
Nos arcos-íris de sinfonias e de integrais lunares.  
Às vezes páras à distância de um coração  
Ante aquela ozônica e una Verdade.

PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

## BALADA DE TROUXINHAS

Havia uma vez uma avozinha —  
Até hoje suas mãos me brilham —  
Avozinha simplória e ignorante, —  
Até hoje suas mãos reluzem.  
Uns pastéis assava com viburno.  
Fica escuro o mundo sem a velha.  
Os com fome iam visitá-la  
E cada um trazia uma trouxinha,  
Os com frio iam aquecer-se  
E voltavam com trouxinhas sob o braço.  
Os com consciência ou sem ela  
Sempre recebiam as trouxinhas.  
Quando sonhei sonhos de negrume,  
Ela vinha desamarrar a trouxinha;  
Sonhei sonhos doces, com viburno, —  
A avozinha na trouxinha os amarrava.  
Ressentida está a avó na cova:  
Cruzaram-lhe as mãos — cadê as trouxinhas?  
Não creio em toalhas encantadas,  
Em trouxinhas da avozinha creio.  
Eu as via com meus olhos, as abria  
E amarrava para sempre na memória.  
A avozinha se cobria com um lenço,  
Mas sem dar um nó sob o pescoço.  
Com um lenço alheio a sepultaram,  
Pois os seus se foram em trouxinhas...

BALADAS COTIDIANAS

## BALADA SOBRE O CACHIMBO

Bebedeira na Sitch(\*). Não se acorda o cossaco  
Nem com negro chicote, nem com som dos canhões.  
Só o astuto Pidkova, o senhor-chefe zangado,  
Seu cachimbo puxando, não consegue dormir.  
Depois ergue-se brusco, pisa o manto precioso,  
Vai em meio das tendas os cachimbos roubar:  
Incrustados de ouro e de prata e os simples —  
Todos param na boina do chefe sem dó.  
Uns queimados de fumo, uns cozidos de brasa —  
Em toalha de seda ele amarra veloz,  
Só o próprio cachimbo com pena evidente  
Faz sumir no seu bolso, com sorriso sagaz.  
Os restantes — no Dnieper, na negra voragem,  
A metade da lua dos turcos reluz:  
Bebedeira na Sitch. Não se acorda o cossaco,  
Nem com negro chicote, nem com som dos canhões.  
Só no meio do dia corta o ar o lamento:  
— Basta de ressonar, vão beber negro breu!  
Sobre a Khórtytsia veio a avalanche dos turcos  
Roubar nossos cachimbos e os levar a Istambul! —  
— Ou a Bakhtchyssarai? — — O que sabes, bebaço,  
O sultão soltará gargalhadas de nós... —  
Os cossacos — as barcas. Ardem remos nos dedos,  
Serpenteia o corpo do Dnieper azul.  
Mas no mar — infortúnio: o chefe procura  
Acender seu cachimbo, e a faísca não vem:  
Tramontana engoliu, ou a vaga liberta  
Apagou a centelha com a língua do mar.  
Os cossacos se riem: — Fumarás na Turquia,  
O cachimbo tem alma cossaca também! —

E o chefe afundou seu cachimbo precioso  
Que com seus companheiros se foi encontrar.

## PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

(\*) Sede dos cossacos ucranianos no meio da ilha Khórtytsia do rio Dnieper.

## BALADA DE CALÇAS LAVADAS

A noite pintou o céu  
em doméstico vaso azul.  
O bonde engasgou-se.  
O mosquito calou-se no junco.  
No trabalho sujei-me —  
e logo a mãe percebeu  
As manchas de piche, nas boas calças de brim.

Colocou na lareira o balde,  
pegou o sabão da gaveta.  
E a lua de calção branco  
com o pai jogava xadrez.  
A cidade fogosa ao longe  
para o sonho azul se deitava.  
E agradava, após a cerveja,  
de legumes o falso caviar.

Recendiam de peras as nuvens  
e murmúrios sumiam ao vento,  
Na balança silente  
balançava-se, doce, o pomar.  
E na corda suspensa,  
penduradas pelas bainhas,  
Trespasadas pelas estrelas,  
as calças marchavam ao céu.

(Minhas loquazes loucuras  
Ouvem ofensas, censuras.  
Escuto o difuso babel —  
Sonetos bufando com fel.

**Derramaram-se sobre os papéis  
Magoados rondós e rondéis;  
Cantei estas calças de brim  
Sem eles: prazer para mim).**

**POESIAS**



Aí tão imundo,  
                    aí tão lamacento,  
Ele a apagou com seu punho áspero.

Levantou-se Ustym. Umedeceu a camisa.  
Cuspiu. Estendeu ao vento as costas.  
Aí, ao vento, ao da baixada, ao de Podila,  
Aí, ao vento,  
                    ao sangrento, ao vendaval.

E vestiu Karmalúk sobre as costas feridas  
A camisa do cárcere, umedecida.  
E uma flor de papoula, uma flor sangrenta,  
Acendeu-se nas costas em viva brasa.

E a menor das crianças, qual cápsula de papoula:  
— Mãe, eu quero a camisola vermelha, eu quero,  
Quero a camisolinha igual a daquele tio! —

E estendeu suas mãos lambuzadas  
Ao sol castigado, ao sol querido.  
E o batalhão de soldados, dos moscovitas,  
Olhava ao Leste, para a Sibéria.

E enxugou Karmalúk a primeira lágrima,  
A primeira lágrima, ao centésimo primeiro golpe:  
E só o menino enlambuzado berrava:  
— Mãe, eu quero uma camisola vermelha,  
                    eu quero!

POESIAS

## PELO SÉQUITO DE TÍLIAS

Do ignoto tombam sonhos sem parar,  
Igual a abelhas junto a Berestetchko(\*),  
Pegando com as suas mãos de ouro  
A flor-de-mel, igual a pára-quadras.

Eu me preendi ao mito-Berestetchko,  
Ao séquito de tílias pela estrada,  
Azuis raízes da balada-sabre,  
Ao sussurrar de tílias-maravilhas.

Ao vento voam flores com abelhas —  
Estas esquecem asas transparentes —  
E pelo sonho, em negro Berestetchko,  
Voa meu garanhão ou minha moto.

Em volta — só vulcões de flor dourada,  
Perseguição galopa atrás dos ombros.  
Ignoro: vivo ou, talvez, defunto  
Meu garanhão ao Leste me carrega?

## PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

(\*) Em 1651, junto a Berestetchko na Volínia, deu-se a famosa batalha do *ghet'man* cossaco Boghdán Khmelnytsky contra os poloneses, resultando em trágica derrota dos ucranianos.

EXPOSIÇÃO DE MANAILO  
(Variações ao tema “Pesar”, 1940)

Havia pai, havia mãe, havia eu.  
O pai sentado no banquinho.  
O pai fazendo para mim um moinho de vento.  
A mãe cozinhando o mingau para mim.  
A gata Murka brincando com sua cauda.  
Vieram os tios, gritando para o pai,  
A mãe me trancou em casa,  
E a gata gritava, na falta da mãe, para mim,  
Para mim gritava a gata,  
Gritava a mãe lá fora,  
E eu gritava, pois todos gritavam,  
Do fogão cheirava o mingau de trigo mourisco.  
O pai quis dormir,  
Puseram-lhe as mãos no peito,  
Deitaram-no em cima do banco.  
Eu gritava: “Quero mingau!  
Mãe, mãezinha querida, quero mingau!”  
A mãe chora junto à lareira, eu choro junto à mãe.  
Irei ao pai queixar-me dela:  
Eu quero mingau e a mãe não mo dá.  
Vela na mesa. Mãos no peito.  
Havia pai. Somos mãe e eu.

POESIAS

## BABYN YAR

Em 22 de junho de 1966 às cinco da tarde  
Nós passávamos por Babyn Yar  
O sol vespertino condensava-se na nuvem sonolenta  
Os titios entre os arbustos deitados bebiam cerveja  
Com estalos chupando bogas  
Ao lado um negro acomodou-se sobre os joelhos  
De uma loira jovem beldade  
Uma velhinha grisalha andava indagando  
Se não havia cruzinhas à venda  
Áceres míseros murchavam no estio  
E meu menino dormia no meu regaço  
E teve um sonho de um corcel nas ervas  
Algures batiam cocos secos contra a dura terra  
E alguém com pás despejava o céu sobre mim  
Com raízes das nuvens  
Compactas com pedras do sol  
Até que as cobras metálicas dos lampiões  
Escondessem os longos pescoços na mata espessa  
Instintivamente eu cobria meu filho  
No 22 de junho de 1966 às cinco da tarde  
Quando passamos por Babyn Yar

POESIAS

## EM MEMÓRIA DE E. HEMMINGWAY

Saiu do rádio um negro leão  
E acordou meu coração à meia noite  
Nas suas pesadas lágrimas negras  
Eu vi um caixão de cristal

Era um orgulhoso leão cheio de pesar  
O negro leão de juba dourada  
O irmão do peixe-espada ensolarado  
Onde ferve a lágrima do atlântico

Ele chamou-me ao enterro do irmão  
Ao caixão onde com braços calados  
Jazia um grisalho leão queimado do sol  
Com um coração sinfônico de criança

POESIAS

## BALADA SOBRE O BALDE

Sou forma de zinco, meu sentido — cerejas,  
São bagos de fogo cobertos de bruma  
Que astros vermelhos bebiam em cima  
E hoje qual ébrios em mim estão sonhando.

Sou forma de zinco. Meu sentido são peras,  
Do sol concorrentes, do pomar luzeiros,  
Do país das seivas almas desviadas,  
Colhidas nas fronhas na noite d'outono.

Sou cone cortado. Meu sentido é sempre  
Tudo independente em mim derramado:  
Os melões listrados, os raios de salsa,  
Ou das cebolinhas os corpos crocantes.

Sou forma de zinco: Meu sentido é ignoto,  
Às necessidades e ao tempo sujeito.  
Quando estou vazio no espaço do dia  
Então até a borda do céu estou repleto.

## PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

## DEUS

...E veio a ele Deus e começou a remexer nos seus livros e perguntou-lhe: — Quando, meu filho, pretendes viver? Será que há vida nisso?

— Eu calarei, meu Deus, — disse ele.

— Dize-me antes, como Tu conseguiste criar uma tal gigantesca máquina — este nosso planeta — e dezenas e milhares de outros? Como vives sem crises planetares e greves, de onde Te vem tanta energia, pois eficientes e sem cessar trabalham todos os aparelhos estelares, e o principal, meu Deus: como os homens e os anjos não encheram Tua cabeça com o culto de Tua pessoa?

Deus, que era marxista, lhe respondeu: — Eu sempre duvidei, meu filho.

PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

## TRABALHO E LAZER

Um quarto — à esquerda,  
Outro quarto — à direita,  
Meu quarto — ao meio.  
Num quarto o Trabalho  
Dia e noite bate na máquina.  
Noutro quarto o Lazer  
Despreocupado beija e bebe,  
Xinga a ponto de murcharem as orelhas do elefante.

— Caros vizinhos, venham me ver!  
Num banquinho sentou-se o Trabalho,  
No outro sentou-se o Lazer.  
— E eu, o anfitrião?  
Num banquinho eu me sentei,  
No outro — o Lazer, com perfídia.  
— Senhor, e qual o lugar do Trabalho em sua casa?

Num banquinho sentou-se o Trabalho,  
Num outro, sério, eu.  
— Querido, e onde deve sentar-se o Lazer?  
— Que tal se eu for buscar o terceiro assento?  
...Os dois viraram a cabeça, olhando a janela.

PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

## CINEBALADA

“Certamente, eu morreria sem o cinema” —  
Confessei a mim mesmo e medroso estremeci...  
Em vez de catedrais da literatura,  
Em vez do ardente órgão da poesia,  
Em vez de diversas loucuras de seus vitrais,  
Em vez do Jorge Combatente de Dragão, do séc. XIV —  
Um salvo milagre em ícone de Stanyliw —  
Arde diante dos olhos um retângulo,  
Geometricamente sem pena,  
Este raio-X branco da era do átomo,  
Este púlpito branco da segunda metade do Século Vinte.  
Estou apaixonado pelas almas vazias dos templos,  
As antigas igrejas ghutsulas(\*) e seus candelabros,  
(O protótipo das igrejas de pinho  
São pinheiros íngremes monteses,  
E o desenho dos candelabros —  
Os tridentes de cardos ásperos).  
Ao fundo estremeci e assustado senti:  
Estou apaixonado do mesmo modo  
Pelos vazios salões de cinema,  
Onde a alma está a sós com a tela branca,  
Com a solitária pena, com a folha de papel solitária.  
“Certamente, eu morreria sem o cinema”-  
Confessei a mim mesmo e medroso estremeci:  
Olhando o deserto salão do cinema,  
E tal qual mais um devoto da tela  
Fui confessar na catedral da poesia.

BALADAS COTIDIANAS

(\*) Ghutsulos — habitantes dos Cárpatos ucranianos.

## BALADA DA DOURADA CEBOLA

Ela é deusa de faces douradas das feiras,  
Balança-se qual farol entre as irmãs na grinalda,  
Abraçando o pescoço da corcunda tia Ghorpyna.  
Ninfa em tranças murchas das companheiras,  
Apalpada por milhares de ávidos olhos,  
Não pretende livrar-se de sua inocência dourada!  
Minúscula cúpula das subterrâneas igrejazinhas  
Treme por sua dourada alma devota  
Perante a cobiça pagã da faca cega!  
Cora, estendendo pelo seu ouro o lixo de teus vinténs!  
Ela já sente desfalecer seus peitos dourados  
No presságio dos abraços gasosos do jovem Fogo.  
Ela, rainha-beldade das feiras rurais de manhãs,  
Sentada espreitando no fundo da bolsa do cabo,  
Inocente e dourada fada do cruel Apetite,  
Irmã vera do seco Pão de centeio,  
Irmã gêmea do Alho de branco gibão,  
Dourada granada na fauce da Fome dos estudantes,  
Teimosa inimiga da supercozida Batata,  
Amiga fiel do modesto Sal de cozinha,  
Pequena Jeanne d'Arc contra todos os anglo-saxões-  
micróbios,  
Meiga Laura de qualquer Pedro Petrarca de nariz arrebatado  
Do Instituto Técnico de Podil em Kiev,  
Guardada no jardim de inverno de sua mala de fabricação  
própria,  
Ou, talvez, esquecida Cebolinha-Cinderela  
Que, sem nome, se apaga no estômago de qualquer bonzo,  
Ela, dourada-douradíssima, ignora qual morte a espera:  
Se deve deitar-se com suas brancas e santas auréolas

Sobre o mistério não desvendado de uma fatia de Pão de  
trigo,  
Ou deve girar como um bambolê diante do sangrento  
Churrasco

Com seus meigo-cinzentos rodela-anéis  
No corpo prateado do príncipe georgiano Champur...  
Começa a dourada agonia de seu *strip-tease*

antes da morte:

Ela despe seu casaquinho de ouro,  
Ela tira seu dourado, luzente *sweater*,  
Ela se livra de seu dourado, meigo vestido,  
Ela desnuda-se da douradinha camisola-película  
E nua, branca, chora a sua manchada virtude,  
Ela, a Dourada Cebola da horta materna,  
Ela, a vestal do Templo do Ministério de Ser,  
Reduzida agora num punhado dourado de medo...

BALADAS COTIDIANAS

## BALADA DA HORTA

Na horta, junto ao fosso, zoadá...

O vento faz cócegas na salsa,  
E se admira, por que o pimentão tem raiva.  
O vento dança sobre os pepinos,  
O cômico vento de calção verde,  
Da pinguela, dá um mergulho no fosso,  
Seca ao sol, torce os calções  
(Vai ao caniço, para ninguém ver)  
E escuta de ouvido molhado.

Na horta, junto ao fosso, zoadá.

Os pepinos jazem no meio do sarmento,  
Os botões — em maiôs preto-marrons,  
Um virou-se de bruços, outro de lado,  
O amarelão folheia “Kiev Vespertino”,  
Um deitou-se de costas e fuma um cigarro,  
O outro cobriu-se com a folha, qual um jornal,  
E todos têm medo das galinhas de Khyrna  
Com afiados bicos vermelhos.

Na horta, junto ao fosso, zoadá.

O vento-malandro joga piquete,  
Toma impulso, derruba três redondos tomates  
E os rola entre o cânhamo masculino e feminino,  
Até o girassol ergue-se sobre a perna  
E afasta os vermelhos até o canteiro,  
Onde os pepinos, tal qual veranistas,  
Machucam os flancos sobre os torrões da terra.

Na horta, junto ao fosso, zoada.

Todos se espantam — que coisa é esta:  
Nem verde, listrada, nem alongada?  
Porém existem curiosidades no mundo,  
No estrangeiro há, dizem, pepinos redondos!  
Na erudição verde todos se escondem,  
E o vento, bufando, revira-lhês  
A enciclopédia verde de folhas.

Na horta, junto ao fosso, zoada.

O amarelão desvenda o mistério,  
Tirando de baixo da salsa os óculos.  
Durante a vida, viu coisas espantosas,  
Até melancias listradas, peitudas,  
Não apenas uns simples tomates.  
E não esqueceu que na juventude opulenta  
Uma vez dormiu até junto à abóbora.

Na horta, junto ao fosso, zoada.

O avô, entre as gavinhas, toma palavra:  
— Olhem estes, de lados vermelhos,  
Que de vergonha coram ao sol!  
Não lhes é caro o nosso canteiro tranqüilo,  
Não escaparão das galinhas de Khyma!  
Nós estamos deitados na sombra das folhas,  
E, na graça divina, alcançaremos ser enlatados,  
E alguns até vão sazonar para semente. —

O vento subiu na pinguela do fosso,  
Tirou os calções e os esqueceu,  
Abrindo a boca, parou despido,  
Prestando ouvido na praia de pepinos.

Na horta, junto ao fosso, zoada.

BALADAS COTIDIANAS

## NO FUNDO DAS MINHAS NOITES

No fundo das minhas noites  
Arde uma vela branca  
Passou o vento não apagou  
Passou o boi não apagou  
Passou o cavalo de crina cinzenta  
Passou um tanque nas pontas dos pés  
Passou o avião com o guarda-sol do céu  
Não apagaram não apagaram  
Cada um se curvou  
Cada um acendeu sua própria  
Passou o vento levando a vela  
Passou o cavalo levando a vela  
Passou o boi o tanque o avião  
Com sua vela com sua vela  
Passou o enorme palácio de vidro  
Com uma vela pequena  
E o pequeno mosquitinho cinzento  
Com um enorme velão  
No fundo das minhas noites  
Arde uma vela branca  
Sinto tristeza sinto alegria  
Insuportáveis até perder a fala  
A vela branca

POESIAS

## AQUARELA DA TARDE

O menino está sentado no outeiro,  
Está apascentando a tarde no trigo novo,  
Abate as estrelas com o chicote, assoviando.  
E a tarde pasta, sacode a cauda.  
Vem meu ouro, dançaricando,  
Traz para mim lábios cheios, não derramados,  
Traz um corpo jovem, alaranjado,  
No cálice de seda do vestido azul.  
Apressa-te, meu bem, ao encontro do teu coração!

Ei, menino no outeiro  
Estala o teu chicote,  
Para que meu ouro não tarde!

PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

## ONDE SE VIU?

Onde se viu  
Onde se ouviu  
Caiu do céu o avião  
E chora na pervinca

Enxugou os olhos com asas  
Com asas brancas  
Perdoa-me minha pervinca  
De olhos azuis.

Ele tem hélices sujas  
No coração tem o vento  
Lava-me até a morte pervinca  
Com água tépida

Onde se viu  
Onde se ouviu  
Perdoa-me minha pervinca  
De olhos azuis.

POESIAS

## POTRA

Enamorou-se o relâmpago da égua:  
Ele é o raio, ela é a potra.

Ela tem crina de seda negra,  
Ele tem peito de fogo branco.

O corpo dele queima em desejo,  
O corpo dela — da potra casta.

Alguém feriu os delgados cascos,  
Nos olhos do outro lançou faíscas.

Já correm ambos nos céus, velozes,  
Eles se beijam com suas vozes.

— Almejei tanto a tua candura,  
Sobre teu corpo caí da altura!

Trovão envolve as palavras duras,  
A culpa dela — maçãs maduras.

Ele braseia no corpo inteiro,  
O pulso dela — bater de cascos.

Grito num grito — o vento sopra:  
Havia a potra, e foi-se a potra.

POESIAS

## NEGRO ESTUDO

Carrego teus lábios  
    como o peso da terra que eu amo,  
Ando na ingenuidade  
    qual um trapezista no ar.  
Como escasso é o sol  
    para teus dezessete ramos,  
Sobre ti, só me resta  
    o copioso e radiante chorar.

Dá-me tua tristeza infernal,  
    como olhos de um cego defunto,  
Ou dá-me alegria —  
    não um copo, mas um oceano em maré!  
Contudo, nos grilhões de ilusão  
    de novo está preso profundo  
O freixo esbelto da minha solícita fé.

Onde foi-se o meu vendaval  
    ensolarado e seivoso?  
Com tua aura lavado  
    apaguei a própria razão.  
Em torno enlouquecem,  
    soluçam as negras rosas  
No diamantino sereno  
    da tua alma, em vão.

PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

## VESTE-ME DE NOITE

Veste-me em noite,  
em névoas azuladas,  
Movendo por cima de mim  
com asas de cisne o ar,  
E venham sonhos, os tépidos sonhos alados  
Que a lua com remo de freixo  
vem resvalar.

Florirá a rodovia com uvas maduras,  
Lavará a estrela  
tranças róseas no alecrim.  
Entre os juncos e o Órion, das nascentes tão  
puras,  
Tu, qual cisne, navegas  
nos meus mares sem fim.

Veste-me em noite,  
em névoas azuladas,  
Movendo por cima de mim  
com asas de cisne o ar.  
Mãos e orvalhos recendem  
como teus pensamentos, amada.  
No coração nadam cisnes  
e recende o remo a sonhar.

POESIAS

## BALADA DE MODÉSTIA

— Falta-lhe modéstia! —

Gritava em torno de mim a turba faminta  
De modestos grafomaníacos e honestos ganhadores de pão.

— Sim, falta-lhe um pouco de modéstia, —

Concordaram, magnânimos, os sérios tios,  
Complacentes olhando do seu crítico pico Hoverla(\*)

— A voz do povo é a voz de Deus. —

Eu resolvi: Tenho de visitar a Modéstia.

Comprei um buquê de lírios do vale, cobertos de neve,

E um azulado frasquinho de cheiro,

Joguei no braço o casaco de seda,

Entrei no cômodo — e parei de espanto:

Uma matrona gorda e bêbada, no sofá estendida,

Puxa o cigarro e, desdenhosa, espia dum canto de olho.

Dei com os ombros e saí para o tumulto humano.

...Pisando centenas de estradas

Ao lado dos tronos de Aplauso e Glória

Vaguei desgostoso e, sem querer,

Meu pensamento criou apetite:

Devo visitar a Modéstia!

Escorregando pela lembrança,

Pressentindo o encontro, verti um copo de aguardente,

Comprei cigarros de menta, peguei *Spotykatch*(\*\*)

no caminho,

Entrei sem bater:

Uma moça medrosa, chupando uma estrela,

Solta a trança loura, tendo perdido

estilhaços de seu destino...

BALADAS COTIDIANAS

(\*)O pico mais alto dos Cárpatos ucranianos.

(\*\*) Revista humorística

## A MULHER E O MAR

Saí de ti e volto a ti, ó mar.  
Saí da espuma marinha,  
entrei na espuma humana.  
Como me chamaram outrora? Afrodite?  
Quem sabe!

Saí de ti nas pontas dos pés,  
O sol tocava meu ombro esquerdo,  
Eu ia pura  
ia jovem arisca.  
Hoje não sei andar nas pontas dos pés,  
O sol me toca o ombro direito,  
Vou pecaminosa,  
vou desconsolada — medrosa:

Quem vai atrás?  
Quem está atrás de mim? Quem sabe?  
O mar está à frente,  
O sol acima de mim.  
O vento acaricia meus seios.  
Nada eu sei, não conheço ninguém.  
Trespasso as tentações, entro no mar  
De novo pequena e arisca.  
O mar está à frente. Quem está atrás?  
Quem sabe, parece que se chama Homem...  
O sol está acima de mim,  
O vento acaricia meus seios.  
Saí de ti e volto a ti, ó mar.

BALADAS COTIDIANAS

## ESTÁVAMOS SENTADOS ALI

Estávamos sentados ali, ali

Onde está apertado para um e cômodo para os dois.

Ela ficou surpresa:

— Tens ciúmes, meu bem? —

...e deitou seu ouvido, duas ironias foram pastar silenciosamente, a quinta, mais nova, fazia cócegas à terceira — a mais velha, eterna, boba pergunta —, a mão recendia tépida, os lábios estavam no ocaso, a cada instante iam se pôr, porque veio com cara de choro, a estranha, boba pergunta.

— Quando tenho ciúmes, é só de mim mesmo,

O de hoje do de ontem. —

— Não me faça rir! Deixa! —

Com o riso próprio ficou ofendida.

...Ele é um pateta, não se trai, centésima quinta ironia, chora, chora! Seus lábios resplandecem com a luz polar, e na moldura de seus óculos há sangue negro e frio, eu lhe comprarei melhores, meu danado, minha andorinha de gola alta...

Nós partimos de lá, de lá

Onde está apertado para um e cômodo para os dois.

Nas pontas dos pés, atrás, nas pontas dos pés,

la cauteloso o feliz sofrimento.

PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

## ESTUDO-RASCUNHO

Não tive medo da chuva,  
Apertando o vestido azul  
Esperei-te junto das bétulas.  
Acredita ou não, como queiras.

Amarrei o arco-íris na trança.  
Não fiquei ressentida contigo,  
Só um pingo — assim por decoro.  
Acredita ou não, como queiras.

Mamãe fala que estou resfriada,  
E eu bebo o sol na tisana,  
Espiondo através da janela.  
Acredita ou não. Como queiras.

Consegui Rimbaud para ti.  
O pai trouxe melões para casa.  
Já está seco o nosso caminho.  
Acredita... só a única vez!

## PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

## SEGREDOS

Num segredo — os olhos são castanhos,  
E no outro — os olhos são azuis.  
Num segredo — o coração é bom,  
E no outro — pérfido e selvagem.  
Um segredo tem o anel de prata,  
O outro tem a simples aliança...  
Na verdade, como são segredos  
Quando sabes cores e medidas,  
Afundado nas analogias,  
Quando sentes que os três pormenores,  
Levantados nas felpudas patas,  
Teu coração indeciso lambem —  
Ou cem mil, ou tantos pormenores  
Com visão certa discriminas?...  
Os segredos são esfinges, basta  
De ofendê-los com razão mesquinha!  
Chegarei de supetão na estrada  
Feita pelo desencantamento,  
Negra dúvida e dóido ceticismo...  
Mas comigo estão castanhos olhos,  
Com sincero coração bondoso.  
Quanto tempo vão ficar à espera,  
Consumidos num desejo frio  
Do meu dedo, pelo qual soluça  
O prateado anel, prateadamente?

PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

## O CORAÇÃO, POR VEZES, OLHA ATRÁS...

Terrível, no turbilhão  
De paixões, rompimentos, agrados,  
Vãs angústias e justas esperanças  
O coração olhar para trás —  
Ele tem que fechar os olhos  
Espionando por cima do ombro,  
Ele leva um susto da trilha  
Percorrida no seu passado,  
Pois restaram apenas salinas,  
Pois restou a cinzenta maldade:  
Fuzilada a sangrenta viola,  
Nem viola — esperança da mesma.  
Coração, pois sejamos cruéis,  
Não olhemos na alma do ontem,  
Ela pode gelar-te de todo...

BALADAS COTIDIANAS

## AS ÁRVORES ESPERAM POR MIM

As árvores esperam por mim,  
E caem as folhas na trilha,  
E caem os astros nas mãos,  
E cai o sonho na grama.

Lá onde estou sendo esperado,  
A porta range saudosa,  
E o céu com um xale de lã  
Protege o pescoço do vento.

Lá, onde me estão aguardando,  
Seguram os dedos à boca,  
Mantêm o gracejo apagado,  
Seguram as lágrimas secas.

Lá onde estou sendo esperado  
Vagueia a minha razão,  
Com calças até os joelhos  
Enroladas na tépida chuva.

Lá onde me estão esperando  
Estendem pesadas mortalhas,  
Estendem os braços pesados  
E os ásperos testamentos.

## PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO

## **MUDAS IRMÃS-ÁRVORES**

**Outrora Gulliver, deitado nas costas,  
Escutava a música do longínquo planeta.  
E vós, bem atentas, podeis perceber  
O choro do infante da Antegaláxia.  
Antes do Adão, vós fostes radares  
Dum país verde da democracia,  
Escolhendo de todas as filosofias  
O ghandismo, na era do mamute ainda.  
Mas agora vos cortam, com espírito torpe,  
Para serdes cabos polidos das armas...  
Vós, fontes ardentes de protuberâncias,  
Agregadas eternas do novo oxigênio,  
Coroadas sonoras de clorofila,  
Mudas irmãs de ruidosos poetas:  
Nas linhas verdes das vossas palmas  
Reside o dilema do humano mistério.**

**Corações sem abrigo têm poetas e árvores,  
Consumindo-se, ambos, do sol são serventes...**

**PROTUBERÂNCIAS DO CORAÇÃO**

## A ESTRADA

A estrada é amassada pelas botas,  
As chuvas andam descalças.  
E a terra negra e gorda  
É a mais bela do mundo.  
Mãe-estrada das estradas,  
Nunca pensas em ti mesma,  
Cobres-te com a manta negra de asfalto  
Ou de manto seco de poeira,  
E por toda a parte, onde eu parar,  
Sempre teu centro está aquecido.  
Não tens princípio nem fim,  
Não possuis um âmago abençoado —  
Nem âmago de tristeza, nem âmago de alegria,  
Tu me assustas com tua voragem.  
No entanto, uma esperança áspera,  
Desprezando lírios e rosas,  
Como um cardo quente cresce junto a ti,  
E quando me assento a descansar,  
Tu deitas, infinita, a meus pés  
E nem relinchas,  
Pois **estás** convicta  
Que novamente  
Hei de montar tua sela.

BALADAS COTIANAS

## OFÉLIA

Beber o céu, com ventos limpar lábios,  
Com a estepe embriagar-se, ver o sol,  
Ofélia dos campos — a volátil flor,  
Tirar do intruso, o penetrante vento.  
Que desprezível briga do destino!...  
Calados todos! Não amedronteis  
O fino talo da volátil palha  
Que eu esquento junto ao coração.

BALADAS COTIDIANAS

## BALADA CIGANA

Contarei assim:  
Tenho um machado submisso,  
Tenho uma jovem esposa,  
Tenho uma casa nova,  
Sei afiar o machado,  
Sei amar a esposa,  
Sei manter ordem em casa.  
Mas algo me queima.

Contarei assim:  
Minha universidade é o machado.  
Devo partir para qualquer parte?  
Temos pão, o toucinho não falta,  
Aguardente arde azul,  
Há cinema um dia sim outro não,  
A criança virá em breve.  
Mas algo me queima.

Contarei assim:  
Sois cultos, melhor enxergais:  
Eu bebo — não passa,  
Sem sono rolo na cama e matuto —  
Devo partir para qualquer parte?  
Os rapazes voaram para todos os lados,  
Será que tenho pesos nas pernas?  
Será que meu sangue coagulou?  
Sem parar, algo me queima.

## BALADAS COTIDIANAS

## BALADA SOBRE OS OLHOS ABERTOS DE CRIANÇAS

Quero ver o mundo de olhos abertos.  
Sou ainda tão pequenino, apenas sei ver.  
Quero ver a mãe alegre,  
Quero ver o sol com o chapéuzinho dourado,  
Quero ver o céu com o lenço azul.  
Ainda não conheço o perfume da Honradez,  
Ainda não sei que gosto tem a Infâmia,  
Que cor tem a Inveja, que tamanho a Tristeza,  
Quão salgada é a Saudade, quão profundo o Amor,  
Como é a Sinceridade de olhos azuis, quão cintilante a  
Falsidade.

Tudo isso ainda hei de arrumar nas prateleiras.  
No entanto, enquanto eu crescer, fazei algo no mundo  
Para eu nunca fechar os olhos de Medo.  
Não acomodeis os valores à moda adulta!  
As águias fitam o sol de olhos abertos.  
As crianças miram o mundo de olhos abertos.

BALADAS COTIDIANAS

## PERGUNTA SEM RESPOSTA

Todas as fontes em capuzes de celofane,  
Todos os poços protegidos  
Perguntaram um ao outro:  
Onde achar quilômetros de celofane  
Para o mar artificial de Kiev,  
Ou pelo menos para o Desna encantado  
De que Kiev bebe a água?

A CATEDRAL DO SOL

## QUANDO A SERPENTE LIMPA A MAÇÃ

Quando a Serpente limpa a maçã  
Antes de oferecê-la a Eva,  
Tira em espirais a casca —  
A seiva verde escorre embaixo de sua faca  
E chama-se o Conhecimento...  
A serpente corta a maçã em duas partes  
Removendo das metades a cápsula,  
Retirando o interior com sementes —  
Só então ela a oferece a Eva,  
E Eva compartilha-a com Adão...

A CATEDRAL DO SOL

## ÍNDICE

Pg.

IVÁN DRATCH: ASAS AO VENTO .....	7
PALAVRA .....	9
BALADA VIBÚRNEA .....	10
VIBURNO .....	11
BALADA SOBRE O GIRASSOL .....	12
ASAS .....	13
BALADA DE TRÊS CINTOS .....	15
BALADA DE COTOVIAS .....	16
BALADA SOBRE O PAI .....	19
BALADA SOBRE O TIO GHORDY .....	20
BALADA DE TROUXINHAS .....	22
BALADA SOBRE O CACHIMBO .....	23
BALADA DE CALÇAS LAVADAS .....	25
BALADA SOBRE KARMALÚK .....	27
PELO SÉQUITO DE TÍLIAS .....	29
EXPOSIÇÃO DE MANAILO .....	30
BABYN YAR .....	31
EM MEMÓRIA DE E. HEMMINGWAY .....	32
BALADA SOBRE O BALDE .....	33
DEUS .....	34
TRABALHO E LAZER .....	35
CINEBALADA .....	36
BALADA DA DOURADA CEBOLA .....	37
BALADA DA HORTA .....	39
NO FUNDO DAS MINHAS NOITES .....	41
AQUARELA DA TARDE .....	42
ONDE SE VIU? .....	43
POTRA .....	44
NEGRO ESTUDO .....	45
VESTE-ME DE NOITE .....	46
BALADA DE MODÉSTIA .....	47
A MULHER E O MAR .....	48
ESTÁVAMOS SENTADOS ALI .....	49
ESTUDO-RASCUNHO .....	50
SEGREDOS .....	51
O CORAÇÃO, POR VEZES, OLHA ATRÁS.....	52

<b>AS ÁRVORES ESPERAM POR MIM .....</b>	<b>53</b>
<b>MUDAS IRMÃS-ÁRVORES .....</b>	<b>54</b>
<b>A ESTRADA .....</b>	<b>55</b>
<b>OFÉLIA .....</b>	<b>56</b>
<b>BALADA CIGANA .....</b>	<b>57</b>
<b>BALADA SOBRE OS OLHOS ABERTOS DE CRIANÇAS</b>	<b>58</b>
<b>PERGUNTA SEM RESPOSTA .....</b>	<b>59</b>
<b>QUANDO A SERPENTE LIMPA A MAÇÃ .....</b>	<b>60</b>

Printed in Brazil



RUA RIACHUELO 128 - ☎ 222 3358 232 9823 e 232 5783

A 1516

